



Encontro Inter-regiões - Norte

Região Norte - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00062
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Amapá
CAMPUS	Marco Zero
CIDADE	Macapá
UF	AP
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO13
TÍTULO	A morte é um dia que vale a pena viver
ESTUDANTE-LÍDER	Clarice Matos Dantas
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Roberta Scheibe (Universidade Federal do Amapá)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

"A morte é um dia que vale a pena viver" é uma grande reportagem, no estilo jornalismo literário, que discorre sobre a prática médica dos cuidados paliativos na cidade de Macapá-AP. A produção, fruto da disciplina de Redação e Reportagem III, do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, sob a orientação da professora Dra. Roberta Scheibe, tem como objetivo chamar atenção para a importância dos cuidados paliativos, que são práticas assistenciais a pacientes com doenças graves, incuráveis e que ameaçam a qualidade de vida. O tema pauta a necessidade da discussão e da existência dos cuidados paliativos como uma forma não só de práticas médicas alternativas, mas como uma proposta de levar, com reflexões sobre a morte e o processo de morrer, um novo olhar para a vida. A reportagem em questão se constrói em cima da urgência em trazer à tona debates não só sobre métodos que visam a "qualidade do morrer" como denomina Ana Claudia Quintana Arantes no livro "A morte é um dia que vale a pena viver" (Sextante, 2016), mas o cuidar no fim como necessidade de saúde pública a fim de conscientizar a população acerca dos cuidados paliativistas para que, dessa forma, o cenário atual de saúde brasileira mude a abordagem com pacientes terminais. Os serviços de cuidados paliativos no Brasil ainda são poucos. Segundo pesquisa realizada pelo The Economist em 2015 (acessado em 28 de janeiro de 2020 - <http://www.sbgg-sp.com.br/pro/divulgado-indice-de-qualidade-de-morte-2015-da-economist-intelligence-unit/>), o Brasil ficou em 42º lugar em um ranking de qualidade de morte onde 83 países foram avaliados, ficando atrás da Uganda, um país que evoluiu ao utilizar dos métodos assistenciais públicos em Cuidados Paliativos. Mais especificamente, o Brasil possui apenas cerca de 180 serviços de assistência paliativista, e na cidade de Macapá, localizada no Amapá, não há nenhum serviço estruturado de Cuidados Paliativos. De acordo com a ANCP (Academia Nacional de Cuidados Paliativos), (acessado em 29 de janeiro de 2020 - <https://paliativo.org.br/cuidados-paliativos/cuidados-paliativos-no-brasil/>) a medicina paliativista é reconhecida como uma especialidade médica no Brasil desde 1990, sendo apenas em 2009 incluída no Código de Ética como um princípio fundamental, ainda com uma luta constante pela regulação e universalização dos serviços assistenciais paliativos no Ministério da Saúde. Um dos principais focos dos cuidados paliativos também é promover a qualidade de vida tanto dos familiares dos pacientes, por meio da prevenção e alívio do sofrimento. E uma das problemáticas está enraizada na Universidade, onde no curso de medicina não é ensinado a cuidar e administrar de maneira mais humanizada a dor do paciente e dos familiares. No debate sobre os processos de cuidar no fim da vida, reside ainda a necessidade de maior exploração do assunto "morte". Uma pesquisa de 2018 realizada pelo Sincop (Sindicato dos Crematórios Particulares do Brasil) (acessado em 3 de fevereiro de 2020 - <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45596113>), mapeou a visão dos brasileiros sobre temas relacionados a finitude. Entre os resultados 74% afirmaram não falar da morte cotidianamente. Baseada numa proporção de mil pessoas, a pesquisa revela ainda que os entrevistados associam a morte a sentimentos como tristeza (63%), dor (55%), saudade (55%), sofrimento (51%), medo (44%). Apenas uma parcela pequena faz associação com aceitação (26%) e libertação (19%). Segundo Nilson Lage no livro "Estrutura da Notícia" (Ática, 2000) "O conhecimento em geral privilegia o que as coisas são" e com base nisso, o objetivo da reportagem "A morte é um dia que vale a pena viver" é não só suscitar reflexões acerca da finitude, mas também informar o protagonismo e a existência dos cuidados paliativos como uma prática médica humanizada diante das dores da terminalidade como uma questão de saúde pública, ressignificando assim o sentido de vida e morte.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

No Brasil, mais de 1 milhão de brasileiros morre a cada ano, grande maioria em sofrimento. Desses um milhão, aproximadamente 800 mil morrem de doenças crônicas, degenerativas e de câncer. Até 2010, em pesquisa realizada pela revista britânica *The Economist* (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1507201001.htm> acessado em 29 de fevereiro de 2010) o Brasil ocupava o 3º lugar como pior país para se morrer, sendo avaliados os índices de acesso a cuidados paliativos, a formação de profissionais da área da saúde e a quantidade de leitos existentes, não atendendo ainda as metas compatíveis para as necessidades da saúde pública brasileira. A medicina, a princípio de século XXI, delineou as mudanças responsáveis pelo medo de morrer, o que acresce também os problemas e emocionais que vem com a não compreensão dos processos de finitude. Segundo Elizabeth Kubler Ross no livro 'Sobre a Morte e o Morrer' (Martins Fonte, 1969) "A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis." O que os cuidados paliativos buscam dominar, a busca pela qualidade de vida quando não há mais quantidade. É errada a ideia de que não há mais nada a se fazer pelo paciente terminal: enquanto há vida, existe a necessidade de cuidados assistenciais. E foi assim que a reportagem em questão surgiu, objetivando não só a prática dos métodos e técnicas aprofundados de apuração e checagem da informação, afim de expandir os conhecimentos acerca de Redação e Reportagem, mas para possibilitar novos horizontes dentro da finitude. Dessa forma, a reportagem se modela no estilo de jornalismo literário, que se caracteriza pela possibilidade de enxergar outros lados da realidade, dando espaço para a exploração de um lado mais subjetivo e abrangente do cérebro, como diz Pedro Celso Campos no artigo "Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista" (UFSC, 2009). A narrativa se constrói em 3ª pessoa tecendo o sistema de exposição, complicação e resolução, seguindo o modelo de action-story que prioriza o relato mais atraente para depois desenvolver os detalhes afim de se aproximar do leitor com uma narrativa em "movimento", como caracterizam Muniz Sodré e Marina Helena Ferrari no livro "Técnica de Reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística" (Summus, 1986). A narrativa do produto segue focando nas diversas relações que personagens distintos apresentam em comum com a morte e com cuidados paliativos, optando pela humanização do relato. Medina no livro "O diálogo possível" (Ática, 2002) explica que optar pela humanidade das informações, adentrando suas vidas e dando destaque para o protagonismo dos personagens, faz com que a relevância social de suas vivências esteja mais viva dentro da história. No que tange a metodologia e as técnicas utilizadas para a fundamentação da pesquisa e composição da reportagem, foi utilizado do método de pesquisa qualitativa, o que Silveira e Córdova (2009, p. 32) defendem como a busca por aspectos da realidade que não possuem uma métrica e sim se centram na explicação e compreensão das diversas relações sociais estabelecidas. Foram utilizados também ferramentas narrativas como descrição detalhada dos diálogos, narrador protagonista e impressionismo do texto para complementar a linguagem literária, elementos fundamentais para conduzir o leitor a um entendimento com novas perspectivas, como ensina Edvaldo Pereira Lima no livro "Páginas Ampliadas - O Livro Reportagem como extensão do jornalismo e da literatura" (Manole, 2009).

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

A reportagem "A morte é um dia que vale a pena viver" é um produto oriundo da disciplina de Redação e Reportagem III, ministrada pela professora Doutora Roberta Scheibe, no quarto semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A princípio, a proposta era produzir uma Grande Reportagem para complementar e colocar em prática o que foi aprendido em sala de aula. Inicialmente, foram realizadas pesquisas bibliográficas que pudessem conceituar e fundamentar teoricamente a temática escolhida. Foram feitas consultas a entrevistas disponíveis online no youtube da inglesa Cicely Saunders, criadora das práticas paliativas e ao livro "A morte é um dia que vale a pena viver", da médica brasileira Ana Claudia Quintana Arantes, especialista em Cuidados Paliativos. As entrevistas foram realizadas entre os dias 6 de setembro e 16 de Outubro de 2019, com locações de acordo com a disponibilidade das fontes e adequação dos relatos, em que uma ocorreu no bloco de Medicina da Universidade Federal do Amapá com a docente e psicóloga Ana Valeska Procópio, no Colégio Santa Bartolomea Capitania com o professor de história Hedilano Maciel e no Hospital Geral de Macapá, com o médico Wilco Júnior. Afim de coletar relatos das vivências e confissões de cada personagem dentro da temática da reportagem, os diálogos apesar de abertos, partiam da premissa da definição de Morte para cada um, a partir de suas perspectivas individuais e pessoais. Para Eliane Brum no livro "No Olho da Rua" (2017) o principal instrumento da reportagem, além de ouvir, é a escuta com todos os outros sentidos, conhecendo a história e a vida do outro para poder compreender o caminho de volta. As entrevistas foram produzidas com o intuito de compreender os entrevistados e seus relatos. Dessa forma se sobressai o subgênero de perfil humanizado, que Cremilda Medina classifica no livro "Entrevista - O diálogo aberto e possível" (Ática, 1990) como um tipo de entrevista ampla que procura compreender os valores, conceitos, histórico de vida e comportamentos do outro, através de um diálogo aberto e fluído. A estrutura da reportagem se organiza com pirâmide invertida, que Juarez Bahia no livro "Jornal, história e técnica" (Ibrasa, 1972) define como o clímax no início, desenvolvimento da história depois e conclusão. A reportagem segue se baseando no tipo que busca entender a ciência das práticas paliativas e aplica técnicas literárias na narrativa, o qual detalha e contextualiza o que é explicitado no texto o que de acordo com Edvaldo Pereira Lima em "Páginas Ampliadas - O Livro Reportagem como extensão do jornalismo e da literatura" (Manole, 2009), tem como função direcionar o leitor, iluminando e auxiliando sua compreensão sobre o assunto. Por fim, o produto é dividido em 5 subtítulos: "Amar muito a vida para amar ainda mais a morte", "Pallium, no latim, quer dizer manto", "Para cada morte um substantivo" e "Cuidando para morrer". As fotografias que compõem a reportagem foram tiradas no Cemitério Nossa Senhora da Conceição situado em Macapá e na casa da entrevistada Ana Valeska. A reportagem é construída em cima do método de narração-descrição com técnicas de apuração aprofundada, dentro do gênero de jornalismo literário. O produto foi escrito em 3ª pessoa, objetivando a descrição dos personagens, ponto de vista, físico e mental, afim de auxiliar na composição do imaginário do leitor no que tange a conexão das histórias e relatos de cada protagonista.